A JUÍZA

© 2022 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
A JUÍZA

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2022 (1.ª edição)
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



A todas as Núrias, mesmo às que não têm esse nome.

Prólogo

Estendi uma camisa de linho na corda do terraço e dei um passo atrás para ver se ficara direita, cuidado que ela recompensou caindo aos meus pés. Uma das molas tinha-se partido. Fiquei a olhar para a camisa, depois para a metade de plástico que ainda estava presa à corda, à espera de uma explicação que nenhum dos dois objectos me podia dar. A roupa acabara de sair da máquina e eu já tinha de decidir se aquilo contava como sujidade ou apenas como um contacto infeliz com a arquitectura.

O chão estava limpo e a camisa escapou a uma segunda lavagem. Passei a experimentar as molas antes de lhes confiar o resto da roupa. Os calções de banho ficaram numa ponta, presos pela cintura, ainda a pingar. Com as toalhas fui menos exigente: dobrei-as sobre a corda e deixei-as ficar, pesadas o suficiente para dispensarem os préstimos daquele plástico ressequido. Havia pouco vento. Quando acabei, sobravam-me três molas boas na mão e uma confiança bastante moderada nas minhas capacidades domésticas.

O sol aquecia-me as costas. Debaixo do estendal, os pequenos círculos de água iam desaparecendo do chão e eu demorava-me a observar aquilo com o interesse que, noutras circunstâncias, teria reservado a assuntos pelos quais me pagassem. Era o fim do verão de 2022. Em Maiorca ainda havia calor suficiente para eu poder sair de casa sem pensar no que levar por cima da roupa, uma facilidade que me agradava quase tanto como o próprio sol.

A sala abria para o terraço. Tinha escolhido a mesa junto da porta para trabalhar, porque dali podia levantar os olhos e ver céu sem sair da cadeira. O computador estava aberto, mas a claridade de fora tornava o ecrã quase ilegível. Bastava fechar um pouco a porta. Em vez disso, fiquei no vão, com um pé na sombra e outro ao sol, a aproveitar a corrente de ar que atravessava a casa.

Tinha quarenta e seis anos e uma manhã inteira sem ninguém à espera de mim. Ainda me acontecia procurar uma obrigação, sobretudo depois do pequeno-almoço, quando o dia estava demasiado adiantado para ser madrugada e demasiado novo para eu poder alegar cansaço, mas naquela manhã a roupa parecera-me ocupação suficiente. O Porto não me apetecia. A casa do Lago di Como continuava em obras. Ali podia escrever, ir ao mar,

comer quando tivesse fome e, por enquanto, fazia-o com um gosto que dispensava grandes explicações.

Fui à cozinha beber água antes de começar a trabalhar. O empreiteiro do Como telefonou-me antes de eu acabar a água. Falámos em italiano. Precisava de confirmar a cor de uma parede, porque a indicação que lhe chegara permitia duas escolhas.

— O branco mais quente — disse eu.

— Na fotografia parecem iguais. Consegue abrir a que mandei agora?

Pus o telefone em alta-voz. Na imagem, duas amostras quase idênticas estavam encostadas a uma parede por acabar.

— A da esquerda.

— Essa é a mais fria.

Aumentei a fotografia. Ambas me pareceram ainda mais brancas.

— Então a da direita. Quero a mais quente.

Ele confirmou a escolha e disse que, se não houvesse mais alterações, podiam avançar. Prometi que, por minha vontade, não haveria. Agradeci-lhe antes de desligar. A casa do lago estava em obras e precisava de decisões mesmo quando eu me encontrava longe dela, mas aquela ficou tomada, sem discussão sobre o prazo e nem necessidade de atravessar a França para contemplar uma parede. Guardei o telefone.

Quando voltei ao terraço, a camisa mantinha-se na corda. Apeteceu-me contar à Izar o episódio da mola. Ainda me acontecia querer falar-lhe de uma coisa mínima e esquecer, durante um instante, que já não havia entre nós a facilidade de pegar no telefone. Tínhamo-nos separado antes de eu ir para a ilha. Fiquei algum tempo a pensar nela, encostado à ombreira, sem procurar uma frase com que pudesse começar uma conversa.

Depois sentei-me à mesa e fechei um pouco a porta. A sombra chegou ao computador. Trabalhei durante mais tempo do que esperava, sem consultar as horas, interrompido apenas pelo tecido de uma toalha que o vento empurrava contra a outra. De vez em quando levantava a cabeça. A casa permanecia sossegada e era agradável descobrir que podia concentrar-me sem deixar de ouvir o que se passava à minha volta. Quando me levantei, tinha fome e a marca da borda da mesa no antebraço.

Almocei pão e tomate no terraço. O tomate estava tão maduro que perdi parte do sumo ao cortá-lo e fui buscar o pão para aproveitar o que ficara no prato. Comi devagar, sem companhia e sem a distracção do telefone. O calor tinha-se instalado no muro baixo. Bastava aproximar a mão para o sentir, embora a cadeira onde me sentara continuasse à sombra. Havia uma pequena diferença de temperatura entre um braço e o outro, consoante me inclinava para cortar ou para comer.

Pensei em ir até ao *llaüt*. Tinha vontade de nadar, de ficar dentro de água até deixar de sentir calor, e já me imaginava a procurar com o pé o degrau da escada para subir a bordo. A lembrança agradou-me sem chegar a pôr-me de pé. Estava bem naquela cadeira. Podia acabar de almoçar e decidir depois, sem consultar o vento só para justificar a preguiça. Parti o último pedaço de pão e passei-o pelo prato.

Na casa arrendada, ia aprendendo a acertar com os lugares. A primeira chávena de que gostara ficava numa prateleira do outro lado da cozinha e eu mudara-a para junto do fogão. A mesa servia-me para escrever e, quando o sol rodava, para pousar os braços e olhar lá para fora. Ainda havia portas que abria sem necessidade, enganado sobre o que ficava por trás delas. Gostava dessa pequena ignorância. Obrigava-me a olhar para os quartos antes de entrar, em vez de os atravessar ocupado com outra coisa.

A tarde avançou sem que eu regressasse ao computador. Levei um livro para a espreguiçadeira, mas li poucas páginas. A luz passava entre as toalhas e desenhava no chão uma faixa que se alargava quando elas se afastavam. O tecido já tinha outra leveza. Fui tocar-lhe e encontrei as costuras ainda húmidas, embora a parte virada ao sol estivesse quente. As camisas estavam secas. Recolhi-as antes que o calor as endurecesse demasiado e pendurei-as no armário, direitas, com espaço entre elas.

Ao voltar, deixei as sandálias junto da porta e estendi-me à sombra. O livro ficou aberto sobre a barriga. Ainda tentei acompanhar uma frase, mas os olhos demoravam-se no mesmo sítio e uma das mãos já tinha escorregado para o lado da espreguiçadeira. Lá fora, as toalhas continuavam a secar. Acomodei-me de lado, com a mão por baixo da cara, e adormeci com os pés ao sol.

1

A ÁGUA

Llaüt do Octávio, enseada acessível a partir de Port de Sóller

Segurei a escada com o joelho e puxei a amarra que se prendera no fecho do banco. Quando o *llaüt* balançou, encostei a barriga ao bordo e esperei. Tinha o mar mesmo ali, debaixo do último degrau ainda levantado, e continuava a olhar para ele enquanto procurava libertar a corda com a mão que me sobrava. Bastou deixar de puxar. A volta alargou-se, consegui tirá-la do fecho e recolhi a amarra para o banco. Depois baixei a escada.

Experimentei o primeiro degrau com um pé. O metal estava quente na parte exposta ao sol; logo abaixo, a água arrefeceu-me o tornozelo. Fiquei sentado no bordo, com uma perna de cada lado, a gozar aquela diferença. Saíra de Port de Sóller sem pressa e encontrara a enseada abrigada, com espaço para fundear longe das pedras. O motor já estava desligado. Ainda lhe sentia o calor através da madeira do banco, embora o ruído tivesse desaparecido havia algum tempo.

Daquela altura, via o fundo. Uma pedra clara ficava ora debaixo do meu pé, ora um pouco ao lado, conforme o barco rodava devagar sobre a âncora. Acompanhei o movimento até reconhecer que voltava ao mesmo sítio. Podia entrar na água. Mesmo assim, demorei-me sentado, sem razão que precisasse de apresentar a alguém. Gostava de estar pronto para fazer uma coisa agradável e de poder adiá-la um pouco, conservando inteira a vontade de a fazer.

Desci até ter água pela cintura. Ali, a frescura obrigou-me a parar e a contrair a barriga, uma reacção pouco compatível com a desenvoltura com que me imaginara a mergulhar. Molhei o peito com a mão. Estava sozinho, podia levar o tempo que quisesse, incluindo o tempo necessário para ganhar coragem diante de uma água que, vista do banco, me parecera tão convidativa. Soltei a escada e deixei-me cair para a frente.

Quando tornei à superfície, já tinha vontade de rir da demora. Passei uma mão pela cara e afastei-me do barco a nadar de bruços. Avançava sem esforço, abrindo os braços e empurrando a água para trás. Ao fim de algumas braçadas virei-me para confirmar a distância. O *llaüt* estava perto. A escada aparecia na popa, bem visível, e a sombra do casco alongava-se no

fundo, sobre uma zona de areia. Continuei a nadar ao lado dele, descrevendo uma curva larga.

Na enseada, a rocha descia quase a direito para a água. Havia um pinheiro inclinado sobre uma saliência, com algumas raízes expostas, e fiquei a observá-lo enquanto boiava. Dali distinguia as agulhas dos ramos baixos. Acima deles, o sol obrigava-me a semicerrar os olhos. Virei a cabeça e ouvi a água junto ao ouvido, um ruído muito próximo, feito pelo meu próprio corpo a manter-se à superfície. Tinha deixado de ouvir o que pudesse vir da costa.

Pus-me de costas. Durante algum tempo fiquei a corrigir a posição com pequenos movimentos das mãos, até acertar numa maneira de flutuar que me permitia descansar. A barriga aquecia ao sol. Os pés afundavam-se um pouco e eu aceitava esse defeito sem tentar transformá-lo num exercício. Tinha nadado pouco para me sentir tão satisfeito. Bastava-me estender o corpo e deixá-lo ali, com a boca fora de água e os ombros a arrefecerem.

Antes de sair de casa, lera as páginas em que estava a trabalhar. Uma frase continuava a incomodar-me quando fechei o computador, sobretudo por estar quase bem, o que me fazia voltar a ela com uma paciência que eu raramente concedia às frases evidentemente más. Lembrei-me dela enquanto boiava. Experimentei uma palavra diferente, achei-a demasiado solene e perdi logo o interesse. A água entrou-me num ouvido quando virei a cabeça. Endireitei-me, batendo as pernas, e deixei a frase por resolver.

Tinha vindo para escrever. Dizia-o com gosto, até porque podia chamar trabalho às horas que passava em casa e conservar para as outras a designação muito respeitável de intervalo. Naquela manhã apetecera-me sair antes de produzir uma página que justificasse a saída. Trouxera o barco para uma enseada e estava a tomar banho.

Nadei outra vez, agora com a cara dentro de água durante parte da braçada. Via as minhas mãos avançarem, muito claras, e o fundo a deslocar-se devagar. Um peixe pequeno atravessou-me o campo de visão e desapareceu junto de uma pedra. Procurei-o à superfície, por puro hábito de querer continuar a ver o que acabara de ver. Daquele lado, o reflexo do sol impedia-me de distinguir fosse o que fosse. Dei meia-volta e fiquei com a luz nas costas.

A mudança soube-me bem. Podia olhar para a costa sem esforço e respirar sem engolir água a cada tentativa. Fui até à sombra do *llaüt*. O casco, visto tão de perto, tapava-me grande parte da enseada e estendi a mão até lhe tocar com os dedos. Estava fresco junto à linha de água. Afastava-me e aproximava-me dele com as pernas, sem chegar a agarrar-me. Gostava

do barco assim, visto de baixo, com as pequenas marcas de uso que, a bordo, me passavam despercebidas.

Apeteceu-me chamar alguém para ver a água. Abri a boca, cheguei a virar a cabeça para o banco vazio e ri-me sozinho. Podia estar bem ali e querer companhia. Continuei junto ao casco até o sol me aquecer a nuca, depois afastei-me o suficiente para voltar a nadar. A sensação de ter a enseada só para mim durava enquanto eu olhava para ela; de olhos fechados, interessava-me sobretudo conseguir respirar sem que uma pequena onda me entrasse pelo nariz.

Fiz mais uma curva perto do barco. Os braços começavam a acusar o esforço, com aquela fadiga que se sente antes de ficar verdadeiramente cansado. Abrandei. Tinha saído cedo e podia regressar ao porto ainda com a manhã pela frente. Apetecia-me comer à sombra e voltar para casa sem ter de decidir logo se abriria o computador. Imaginei a sala fresca, com as portadas encostadas, e achei que podia passar ali a tarde. A decisão durou até eu tornar a olhar para a água.

Fiquei. Nadei umas braçadas lentas, suficientemente perto da escada para lhe ver os degraus submersos. Ao regressar, agarrei-me aos montantes e deixei o corpo estender-se atrás de mim. A água batia-me de leve nas costas. Subi só quando me apeteceu sentir o sol no corpo inteiro.

No último degrau tive de puxar por mim com os braços. Já a bordo, fiquei de pé a escorrer para o chão, contente por ter deixado a toalha fora do alcance dos salpicos. Foi então que vi o telefone iluminar-se na pequena zona seca, debaixo da cobertura. No ecrã estava o nome do Steven.

Deixei-o chamar enquanto recolhia a escada. Já me preparava para regressar e liguei o motor, que ficou a trabalhar em ponto morto, com o barco ainda fundeado. Sequei a mão na toalha e atendi.

— Estás mesmo em Maiorca?

— Estou. Acabei de sair da água.

— Quanto tempo é que consegues ficar aí sem arranjar trabalho?

Sentei-me à sombra. Os calções molharam logo o banco. Falávamos em inglês, como de costume. Gostei de o ouvir.

— Tenho escrito — disse eu. — Hoje vim dar uma volta no barco.

— Ouve, preciso de conversar contigo sobre Espanha.

Fiquei à espera de que continuasse. O motor trabalhava perto das minhas pernas e eu tinha de carregar o telefone contra o ouvido para distinguir bem a voz dele.

— Consegues falar agora?

— Tenho o motor ligado. Vou voltar para o porto.

— Então liga-me quando chegares.

Olhei para a água do outro lado do bordo.

— Ao fim da tarde, Steven. Queria aproveitar o dia.

— Está bem. Mando-te uma hora.

— É urgente?

— Pode esperar até à tarde.

Disse-lhe que combinávamos por mensagem e desliguei. Fiquei sentado o tempo necessário para pousar o telefone em segurança. Podia agora regressar ao porto sem levar a conversa junto ao ouvido, obrigando-o a repetir cada frase enquanto eu fingia ser capaz de prestar atenção a tudo.

Conhecia-o havia anos. Com ele, conseguia passar de uma conversa banal a um assunto de trabalho sem a preparação cerimoniosa que me cansava noutros contactos, aqueles em que se gastavam vários minutos a perguntar pela saúde antes de chegar ao favor. O Steven costumava dizer ao que vinha. Eu gostava dessa franqueza e, naquela manhã, teria continuado a ouvi-lo se o motor estivesse desligado. Levantei-me para recolher a âncora.

O *llaüt* saiu da enseada devagar. À medida que me afastava da rocha, fui sentindo o ar no peito ainda húmido. Mantive-me sentado, com a toalha sobre os ombros, até o sol voltar a aquecer-me. Na água à frente do barco havia pequenas rugas, pouco vento. Podia seguir para Port de Sóller sem procurar abrigo nem corrigir a rota a cada instante e deixei que o motor trabalhasse num andamento confortável.

Durante o regresso, perdi várias vezes a vontade de chegar. Bastava ver uma zona de água limpa junto à costa para pensar que podia parar ali. A toalha estava húmida e os calções começavam a secar. Lembrava-me da frescura a subir pela barriga quando entrara na água. Agora tinha fome suficiente para continuar. Ainda assim, fui acompanhando a costa com os olhos, escolhendo sítios que talvez me apetecesse experimentar noutra manhã.

O assunto de Espanha voltou-me à cabeça antes da entrada do porto. O Steven trabalhava em Londres, eu estava numa ilha espanhola e até àquela chamada o nome do país pouco me servira para descrever os meus dias. Pensava na casa e no sítio onde deixava o barco. Agora queria saber de que precisava ele. Ainda nem o ouvira e já dava por mim a tentar adivinhar. Reduzi a velocidade à entrada do porto.

Ao encostar no meu lugar, uma amarra ficou por fora de uma defensa e puxou-a para cima, deixando o casco desprotegido naquele ponto. Afrouxei a amarra enquanto o barco se mantinha seguro pela outra, repus a defensa e tornei a prender a corda. A pequena pancada que receava

acabou por se resumir a um contacto macio. Esperei até ter o *llaüt* bem preso antes de desligar o motor.

Desta vez ouvi os ruídos do porto. Uma ferragem batia a intervalos irregulares num barco próximo. De terra chegava o arrastar de cadeiras numa esplanada e levantei a cabeça para procurar uma mesa à sombra. Estava com fome de almoço, embora ainda fosse cedo para o pedir. Podia começar por beber água fresca, sentado fora do barco, com os pés assentes num chão que deixasse de se mover. Essa possibilidade pareceu-me excelente.

Vesti a camisa que tinha trazido dobrada e deixei-a aberta enquanto acabava de secar. Pela entrada do porto via uma faixa de mar, quase toda tapada pelas embarcações. Sentia-me bem. Tinha tomado o banho que queria. Podia voltar no dia seguinte. Ainda demorei um pouco a calçar-me, aproveitando a sombra a bordo, com o telefone pousado ao meu lado.

A mensagem do Steven já lá estava. Propunha as cinco da tarde, hora de Maiorca, para falarmos com tempo. Acrescentara: "Sobre Espanha." Li-a sentado no banco, com uma mão no sapato que me faltava calçar.

Confirmei a hora. Depois escrevi que estaria em casa. Ainda fiquei com o telefone na mão, à espera de que ele adiantasse uma frase sobre Espanha.

2

AS PÁGINAS

Casa arrendada perto de Port de Sóller, cozinha e mesa de escrita

Apaguei "porque o amava" e escrevi "porque ele deixara de a escutar". A mulher estava à porta do quarto, vestida, com uma mão no puxador. Fiz recuar o cursor até ao princípio e li de novo. Ao chegar a "escutar", tirei a mão do teclado.

Na cama, eu deixara o homem acordado. Tinha-lhe dado uma fala comprida, na qual pedia que ela ficasse, e depois outra, curta, que repetia o pedido. Cortei a segunda. Li a primeira em voz baixa, com o cuidado de quem procura uma deficiência na pontuação. A meio, perdi o fôlego. Tirei uma vírgula e acrescentei um ponto, operação que me permitiu continuar a ouvi-lo sem melhorar o que ele dizia.

Na noite que escrevera para os dois, ela afastava-lhe o cabelo da testa. Esse gesto saíra-me depressa. Ao relê-lo, toquei na minha testa e só notei o que estava a fazer quando baixei a mão. Conseguia vê-los na cama, a pele de um contra a do outro, sem precisar de lhes inventar uma conversa. Para a fazer sair, começava a juntar razões até ficar com uma mulher que parecia ter ido àquele quarto apresentar uma reclamação.

Passei adiante. Corrigi duas frases num parágrafo que nem sequer me desagradava e tornei ao puxador. Se retirasse a explicação, ela podia abrir a porta. Escrevi isso. Logo a seguir pus o homem a chamá-la e tive de apagar o nome, porque só conseguia escrever o nome. Eu queria que ela ficasse. Pronto. Estava a tentar escrever uma saída e queria que ela se demorasse o bastante para ele encontrar o que dizer.

Fui à cozinha buscar café. Inclinei o pacote sobre a cafeteira e caiu uma poeira escura, insuficiente para cobrir o filtro. Sacudi-o, embora pudesse ver que estava vazio. Tinha levado a chávena comigo desde a mesa de escrita. Deixei-a junto do fogão e fui buscar água para beber.

Havia roupa lavada para guardar. Arrumei duas camisas já dobradas e dei lugar aos calções numa gaveta do quarto. A mala pôde ficar fechada. Alisei com a palma da mão o linho de uma manga, que apanhara uma dobra ao ser guardada. Depois fui buscar os sapatos.

Saí a pé às onze. No passeio estreito tive de me encostar a um muro para deixar passar um carro. Atravessei para o outro lado da rua e continuei

até à mercearia. Comprei café e pão. Na subida para casa, o saco batia-me no joelho, por isso levei-o junto à cintura. Tinha saído por uma necessidade que cabia num pacote e soube-me bem trazê-la resolvida.

Fiz café. Bebi-o à mesa da cozinha, com o pão acabado de comprar, e escolhi o lado da janela, que teria reservado à Izar. Apoiei os cotovelos à larga sobre o tampo. Pela janela entrava ar, suficiente para me arrefecer o suor na nuca. Comi as duas fatias que cortara e depois cortei outra, que acabei sem me sentar.

À mesa de escrita, encontrei o homem a meio do pedido. Tinha guardado o texto ali. Continuei a ler a partir dali, sem emendar, para ver se podia chegar ao fim da cena. Ele pedia que ela ficasse até se entenderem. Eu escrevera "entenderem" com a facilidade de quem sabe exactamente o que isso exige. Apaguei a fala toda. O homem passou a estar acordado, na cama, a vê-la sair.

Durante uns minutos, consegui avançar. Retirei um adjectivo de uma passagem posterior e corrigi a ordem de duas palavras. A certa altura, já estava a reler o quarto. Restituí-lhe uma fala, desta vez tão curta que me pareceu aceitável, e pus a mulher a virar-se. Aí deixei de saber o que fazer com ela. Virar-se para ouvir obrigava-me a decidir se ficaria. Se continuasse a andar, eu tinha de a acompanhar para fora.

Pousei as mãos no colo. Via a roupa dela com nitidez, embora tivesse evitado descrevê-la. Podia escrever o roçar do tecido ao passar pela porta. Podia até dar ao homem o cuidado de se levantar, sem a obrigar a esperar por ele. Em vez disso, reli o trecho em que ela lhe tocava na testa. Acrescentei uma palavra que retirei logo. Queria dar-lhes outra noite.

Olhei para o relógio. O Steven ainda não tinha telefonado. Até lá, podia despachar um bom pedaço das páginas. Fiz descer o texto no ecrã. As emendas por fazer prolongavam-se para lá do que me dispusera a ler e escolhi uma passagem curta, sem ninguém a sair de quarto nenhum. Trabalhei nela até lhe tirar uma repetição. Depois subi outra vez.

Retirei "porque ele deixara de a escutar". No espaço que se abriu, escrevi apenas que ela pousara a mão no puxador. Guardei. A chávena ficara na cozinha e fui buscá-la para a lavar.

Pensei que podia passar o resto do dia fora, se quisesse. Tinha alugado a casa para isso também, para sair sem dar explicações. Ao atravessar a sala, olhei de passagem para o ecrã: a mulher continuava dentro do quarto.

3

A PAREDE

Casa arrendada e chamada para a casa do Lago di Como

Na fotografia que recebi dois dias depois, via-se um buraco na parede e um tubo acastanhado a atravessá-lo. O encarregado enquadrara apenas o que tinha picado. Eu estava em casa, em Maiorca, e aumentei a imagem sem conseguir situar aquela abertura na casa do lago. Havia reboco nas extremidades, tijolo à vista. Preparei-me para autorizar uma despesa.

Liguei-lhe com a disposição favorável de quem aceita pagar um imprevisto e supõe que essa generosidade lhe poupará o resto. Falámos em italiano. Ele começou pelo tubo.

— Está rachado neste troço. Tem de ser substituído. Daqui não lhe chego à ligação.

— Abra o que precisar. Depois diga-me quanto é.

— Do outro lado já é do vizinho.

Afastei o telemóvel para consultar a fotografia. A parede ocupava o ecrã todo. Eu tinha autorizado a abertura sem sequer saber onde terminava o meu lado. O encarregado esperou enquanto eu procurava na imagem uma indicação que ele nunca me dissera estar lá.

— É a parede junto ao corredor — disse ele. — O tubo está isolado. Pode ficar assim enquanto escolhe.

Pus o telemóvel em alta-voz e deixei-o sobre a mesa. Tinha entendido que podia ficar assim. Quanto à escolha, parecia-me sensato entregá-la a quem estava a ver o tubo, sobretudo quando essa pessoa sabia substituí-lo e eu só sabia autorizar a substituição. Disse-lhe que fizesse o que achasse conveniente, com a condição de deixar tudo bem acabado.

— Tenho duas maneiras. Pela arrecadação do vizinho, abro do lado dele e troco este troço. São dois dias de serviço, a contar com fechar e arranjar a parede dele. Mil e duzentos euros, aproximadamente. Depende de nos deixar entrar.

Aceitei a quantia sem dificuldade. Dois dias cabiam nos planos que fazia para a casa. Quanto à arrecadação, imaginei um compartimento disponível para receber ferramentas. Eu já ia aprovar aquela intervenção quando ele continuou.

— Pelo seu lado, posso desviar o tubo e fazer uma caixa junto ao chão do corredor. Fica saliente. Aí conte com cinco dias e uns três mil euros. Para isso, preciso que venha ver onde vai ficar. O corredor perde largura.

— Se for preciso gastar mais, gaste. Prefiro que fique bem.

— A caixa vai ver-se.

— Desde que seja bem feita.

— Preciso de lhe mostrar cá. Depois de montada, se achar que estorva, temos de desfazer.

Conhecia o corredor. Quando me cruzava com outra pessoa, encostava-me à parede para a deixar passar. A caixa ia ocupar precisamente esse recuo e tentei imaginá-la sem lhe encontrar uma largura que me agradasse. Ele queria que eu fosse percorrer o corredor. Era uma exigência razoável e bastante incómoda para quem estava a considerar a obra do outro lado do Mediterrâneo, com o pavimento limpo sob os pés.

Pedi-lhe que me dissesse qual das duas faria se a casa fosse dele. O encarregado começou a responder e interrompi-o para acrescentar que a diferença de preço seria suportável. Ele deixou-me acabar.

— Eu ia ver o corredor. É isso que lhe estou a pedir.

Levantei-me e dei uns passos pela sala, até a voz dele se tornar difícil de ouvir. Tive de me aproximar da mesa para lhe explicar que a minha presença pouco acrescentaria à avaliação técnica, que eu confiava nele e aceitaria o acréscimo necessário para evitar uma reparação mal feita. Tinha-lhe dado liberdade para fazer bem a reparação, incluindo a liberdade de gastar o meu dinheiro, e ele devolvia-me a escolha intacta.

— O tubo eu sei pôr — disse. — Preciso que escolha o que fica em sua casa. Ou que combine a entrada com o vizinho.

Tinha-lhe confiado a obra, pagava-lhe por isso e admitia com facilidade que me pedisse dinheiro para o que só descobrira depois de picar a parede. Ir lá examinar uma caixa obrigava-me a interromper a estadia. Eu podia aceitar uma factura maior sem sair da sala. Para chegar a Como, teria de começar por sair da ilha.

— Consegue falar com o vizinho? — disse eu.

— Consigo explicar-lhe o que encontrei. Que dias lhe digo?

Até ali, eu pensara nos dois dias como uma duração da obra. Ele estava a pedir dias do calendário, dias em que teria de entrar numa arrecadação alheia.

— Pode ser quando lhe der jeito. Organizem isso entre os dois.

— Quando ele disser que pode, autoriza que eu marque?

Abri a boca para dizer que sim. Depois pensei que podia estar a autorizar uma intervenção sem saber se o acesso seria concedido nessa semana

ou daí a um mês. Se aceitasse uma data distante, ficaria preso a ela. Se o vizinho pedisse que se começasse no dia seguinte, eu estaria a comprometer-me com uma obra que nem chegara a situar bem dentro de casa. Pedi ao encarregado que aguardasse.

Ouvi-o pousar uma ferramenta.

— O senhor já lhe falou disto?

— Estou a falar consigo primeiro.

Podia deixá-lo contactar o vizinho e aceitar que me ligasse de novo. Em vez disso, procurei alargar o serviço que lhe estava a pagar.

— Pago as horas que forem necessárias para acertar isso — disse eu. — Se tiver de lá ir falar com ele, vá. Ponha na conta.

— Falar com ele posso. Preciso de saber o que lhe proponho.

— Explique-lhe a situação.

— Explico. Depois ele há-de querer uma data.

Passei a mão pela nuca. O encarregado conservava um tom prático. Eu já lhe oferecera dinheiro duas vezes e ele continuava a pedir-me uma indicação.

Cheguei a acompanhar mentalmente a viagem até à casa, onde percorreria o corredor para admitir ou recusar uma saliência. A ida ocuparia dias que eu queria passar na ilha. Era isso. Nenhuma das duas soluções me parecia desastrosa. Desagradava-me ter de me ocupar delas naquela ocasião.

— Há urgência em fechar?

— Com o tubo isolado, pode esperar. A reparação fica parada. Quando me disser, vejo quando a consigo retomar.

Aquela possibilidade agradou-me imediatamente. Podia reservar uma semana para pensar, organizar a deslocação com sossego, em vez de interromper tudo por causa de uma parede. Nem sequer chegara a consultar viagens.

— Prefiro ver isso com vagar — disse eu. — Sem estar a autorizar alterações por uma fotografia. A minha ida a Como fica para depois. De hoje a oito dias, às dez, ligo-lhe eu e retomamos isto.

— Nessa altura vem cá?

— Nessa altura falamos. Quero primeiro perceber quando posso ir.

— Está bem. Aguardo a sua indicação. Nesta parede não avanço.

— Sim. Deixe a reparação suspensa até eu autorizar.

Agradeci-lhe e desliguei. No terraço fazia sol. O muro tinha uma faixa iluminada junto ao pavimento e decidi ir à praia. Em Como, o encarregado aguardaria a minha autorização, com a parede por fechar.

4

A PROPOSTA

Esplanada discreta perto do porto, chamada com Steven

— Só mandei suspender aquela reparação, Steven. O resto da casa continua em obras. Até me convém que tenham onde se entreter.

— Tens data para sair da ilha?

— Tenho uma casa arrendada e comida no frigorífico. Para já, fico.

O Steven riu-se, pouco. Falávamos em inglês. Eu escolhera uma esplanada recuada da rua, onde duas mesas desocupadas me separavam dos outros clientes. Dali distinguia os mastros por cima de um muro baixo. O toldo cobria-me até aos pés, embora o sol atingisse a cadeira do outro lado da mesa. Tinha descido a contar com uma cerveja e com a voz dele. A cerveja estava servida.

— Desculpa não te ter ligado como combinado, mas surgiu-me uma viagem e ainda precisava de confirmar umas coisas antes de te apresentar a proposta. Devia ter-te mandado uma mensagem.

— Sem stress, percebi.

— Estás a escrever?

— Estou a emendar. De fora parece a mesma actividade.

— Então tens ocupado os dias.

— Bastante. Hoje até deixei um canalizador à espera de uma indicação minha. Estou a aprender a distribuir tarefas.

— Isso já sabias.

Bebi um gole. O Steven conhecia-me o bastante para dispensar o elogio e para deixar passar as minhas versões favoráveis quando elas pouco importavam. Eu tinha saudades daquela secura. Podia falar-lhe das obras sem lhe contar a planta da casa, ou dizer que estava bem sem me sujeitar à obrigação de o demonstrar. Na ilha começava a apreciar que me tratassem como um cliente que se ia embora depois de consumir. Com ele, apetecia-me ficar.

— Tenho um cliente com uma questão comercial em Madrid — disse. — Há uma venda de uma fábrica que depende de uma decisão judicial.

— Depende para avançar?

— Sim. A decisão pode permitir que avance ou prolongar o impedimento. O processo não fica todo resolvido nessa altura.

Deixei a mão livre na mesa e ouvi-o continuar.

— O cliente precisa de tempo. Está a tomar decisões sobre o negócio sem conhecer uma das pessoas de quem depende o que vai acontecer.

— Uma das partes?

— A magistrada.

O Steven disse-o no tom em que me perguntara se eu tinha data para sair de Maiorca. De Londres chegava a voz sem interferências. Uma ponta do toldo levantava-se com a aragem e acompanhei aquele pano enquanto ele me explicava que o cliente tinha um interesse financeiro na venda. Faltava-me situá-lo junto de quem vendia ou de quem comprava. Deixei-o chegar ao fim.

— Precisa de uma decisão favorável — disse eu.

— Precisa de saber com o que conta. O direito a uma decisão escolhida por ele não vem incluído. Se fores falar com ela, isso tem de ficar claro entre nós.

— Já chegaste à minha ida sem me dizeres o que queres que faça.

— Gostava que a conhecesses.

A cerveja estava ao alcance da mão. Ia beber e desisti.

— Chama-se Núria Salvat. Tem quarenta e sete anos. Trabalha em Madrid, na área comercial. É maiorquina e passa aí parte do fim do Verão.

Repeti o apelido para confirmar que o ouvira bem. Salvat. O Steven corrigiu-me a pronúncia, sem insistir.

— Há uma pessoa em comum que pode apresentar-vos. Penso num encontro social. Quero uma impressão tua sobre o carácter dela.

— Para quê?

— Para ajudar o cliente a reduzir uma incerteza.

— Steven, posso jantar com uma juíza e achar que é amável. Posso achar que é insuportável. Nenhuma dessas impressões me diz o que vai decidir quando se sentar a ler o processo.

— Concordo.

Eu preparava-me para desenvolver a objecção. A concordância dele deixou-me com a boca entreaberta. Conhecia aquela capacidade de me deixar continuar uma exposição que já dispensava e fechei a boca, por iniciativa minha desta vez.

— Portanto, o que é que estás a comprar?

— Uma impressão que não temos. Se me disseres que não conseguiste formar nenhuma, é o que transmito.

— O cliente paga-te por isso?

— Paga. Também te pago a ti. Sem ligação ao que ela decidir.

A proposta interessava-me. Podia ter começado por lho dizer e teríamos poupado os rodeios, embora eu precisasse de o ouvir dar uma utilidade à minha ida que sobrevivesse à objecção mais óbvia. Eu sabia fazer-me agradável durante uma refeição. Por esse critério, vários clientes meus podiam ter escrito apreciações excelentes do meu carácter em dias nos quais eu me limitara a deixá-los falar.

— Explica-me a utilidade — disse. — Sem me venderes a ideia de que uma pessoa se revela entre a entrada e a sobremesa.

— Quem negoceia faz uma ideia das pessoas envolvidas. Às vezes essa ideia ocupa demasiado espaço. O cliente quer uma apreciação de alguém que a tenha conhecido fora das peças do processo.

— Isso pode dar-lhe uma segurança que não deve ter.

— Pode. Cabe-me dizer-lhe o que recebe.

— Mesmo que lhe sirva de pouco.

— Sim. Prefiro entregar-lhe pouco a confirmar uma coisa que desconheço.

O eléctrico passou na rua. Por momentos ouvi o chiar das rodas muito acima da voz do Steven. Pedi-lhe que repetisse e ele repetiu apenas a última oração. Agradeci-lhe. Estávamos a falar sem dificuldade, a uma distância que um turista podia percorrer de avião numa manhã e bastava aquele eléctrico para o tornar inaudível.

— Dá-me um exemplo do que te serviria — disse eu.

— Saber se consegues falar com ela e ser ouvido. Se a impressão que trazes é a de alguém que escuta uma discordância. Fora do processo, Octávio.

— Posso discordar dela acerca de um jantar. Ser ouvido nessa altura vale o que vale.

— Pois. Diz-me quanto vale quando lá fores.

Dessa vez ri-me eu. O Steven deixava-me reduzir a proposta às suas dimensões modestas e continuava interessado em fazê-la. Eu esperara encontrar uma expectativa desproporcionada que pudesse recusar, talvez com a satisfação de lhe ter poupado uma despesa. Ele admitia pagar por uma apreciação que podia revelar-se inútil. A cerveja tinha começado a perder o gás; observei as bolhas presas ao vidro enquanto pensava no que lhe faltava dizer.

— Falaste em tempo — disse. — Há um prazo para a venda?

— O financiamento disponível tem prazo. Quem o assegura não fica obrigado a mantê-lo indefinidamente. O tribunal também não fica obrigado a decidir dentro dessa data.

— Portanto, mesmo uma decisão que deixe vender pode já não servir para aquela venda.

— Pode acontecer.

— O cliente sabe isso.

— Sabe. É uma das razões por que quer reduzir a incerteza enquanto toma as suas decisões. Uma impressão tua não lhe dá uma data do tribunal.

— Nem lhe arranja financiamento.

— Exactamente.

O Steven calou-se. Tinha-me dado o nome da Núria e uma incumbência que dispensava sair da ilha. Tudo podia caber numa ocupação de poucas horas, no género de disponibilidade que eu conservava para as pessoas de quem gostava. Só que o cliente dele esperava usar o que eu dissesse. Eu podia cercar de reservas a minha apreciação e ela continuaria a ser entregue a quem tinha uma posição financeira naquele negócio.

— O que fabrica?

— Componentes de controlo para redes e equipamento industrial. Regulação, eficiência energética. Peças que permitem que esses sistemas funcionem e consumam menos.

— Continua a produzir?

— Continua. Há gente a cumprir turnos. A venda não é uma fábrica vazia à espera de comprador.

Eu nem sabia onde se situava. O Steven falava de componentes que podiam estar em instalações por onde eu passava sem reparar neles e de trabalhadores que entravam para cumprir turnos. Até ali pensara na venda pelo lado de quem precisava de a concluir. Procurei imaginar a fábrica e só me ocorreu uma fachada sem nome. Quis saber quem iria receber a minha opinião.

— Diz-me quem é o cliente. O nome completo.

— A identidade está abrangida pelo meu contrato de confidencialidade. Posso dizer-te que tem um interesse financeiro na operação. Conheço quem me contrata e o pedido que me fez.

— Conheces quem está por detrás?

— Os beneficiários económicos não estão todos identificados no âmbito do meu mandato. O meu trabalho é comercial e limitado. Não te vou dizer que conheço a cadeia inteira.

Preferia um nome. Precisava de associar a proposta a uma entidade que soubesse situar e o Steven percebia o que eu lhe perguntava. Podia ter-me descansado com uma garantia genérica sobre a respeitabilidade de quem pagava, dessas que se repetem com facilidade porque nenhum dos interlocutores precisa de lhes fixar o conteúdo. Disse até onde sabia.